



ACTAS DEL IV CONGRESO INTERNACIONAL

ETNOHISTORIA

TOMO II

AS

Capítulo 46

FACULTAD DE LETRAS Y CIENCIAS



PONTIFICIA
UNIVERSIDAD
CATÓLICA DEL PERÚ
FONDO EDITORIAL 1998

Actas del IV Congreso Internacional de Etnohistoria. Tomo II

Copyright © por Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú. Av. Universitaria, Cuadra 18 s/n., San Miguel. Lima, Perú. Tlfs. 460-0872 y 460-2291 - 460-2870 Anexos 220 y 356.

Derechos reservados

ISBN - 9972-42-133-3

Prohibida la reproducción de este libro por cualquier medio, total o parcialmente, sin permiso expreso de los editores.

Impreso en el Perú - Printed in Perú.

O conceito de negritude como violentação da língua, manifesto num racismo anti-racista

Evandro Oliveira de Brito

Na elaboração deste trabalho, utilizei a tradução para a língua portuguesa que J. Guinsburg fez do texto *Orphée Noir*, escrito por Jean-Paul Sartre em 1948. Tal texto serviu de introdução à *Anthologie de La nouvelle poésie nègre et malgache*, de Lèopold Sedar Senghor.

Embora esse ensaio tenha quase 50 anos, fato que poderia torná-lo anacrônico, a distância cronológica nos mostra que apesar dos exemplos cotidianos utilizados por Sartre não possuírem tanta vivacidade como tinham há cinco décadas, a estrutura do pensamento sartriano continua, em boa parte, dando conta a compreensão da existência humana. A grandeza do pensamento que resplandece e faz resplandecer o texto, está em considerar a existência humana uma tarefa de cada um, e principalmente em reconhecer que em tal tarefa que é comum a todos, está subentendida a responsabilidade de cada homem para com toda a humanidade.

Neste sentido, é inteiramente relevante compreender a estrutura, o fundamento e a finalidade desta forma de discurso que ao tratar da tarefa do negro no ocidente, acaba por nela implicar todos os homens. A tarefa do negro é então a tarefa do homem, uma vez que cabe a todos a construção de uma sociedade onde os direitos e privilégios de existir como homem sejam também, direitos e privilégios de cada indivíduo, independente de raça e, poderíamos hoje acrescentar, idade ou gênero.

Cabe esclarecer que neste trabalho não trato de explicitar uma compreensão conceitual de negritude, mas ao contrário, apontar em que condições objetivas e subjetivas o negro toma consciência de sua humanidade, e como essa tomada de consciência pode ser considerada expressão poética, ou seja, criação original na qual o negro seria *"meio profeta, meio guerrilheiro, em suma, um poeta na acepção precisa da palavra vates"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.100)

O negro, assim como todas as outras pessoas da nossa época, encontra-se em circunstâncias que poderiam desviá-lo da expressão poética. Em tais circunstâncias culturais, resta-lhe apenas a técnica como instrumento de libertação, enquanto conhecimento profundo e prático do mundo ou da natureza. Mas nessa ação técnica sobre o mundo só pode tratá-lo como matéria, ou seja, uma resistência passiva, *"uma diversidade dissimulada que ele trabalha com suas ferramentas"*(SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.96). Sustentando este tecnicismo em que só conta a eficácia, está uma língua pragmática, altamente rigorosa, onde não existe lugar para *"o jogo nas transmissões que engendram o verbo poético"*(SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.97). É bem verdade que o negro não pode dizer-se estrangeiro em tal cultura: afinal, ali nasceu e foi criado. Dentro das possibilidades deste universo lingüístico, até mesmo encontrar-se-ia à vontade, desde que pudesse ver-se apenas como técnico, cientista ou político. Mas, nesse universo lingüístico praticamente pronto que se apresenta aos culturalmente europeus, incumbindo-os de, como homens, realizar a sua liberdade já pensada, o negro colonizado ou nativo deportado, não se pode conceber como homem e nem realizar sua liberdade. Para o negro nada está pronto. Ele se encontra fora da história universal da humanidade. É bem verdade que *"raça negra"* é um conceito, e todos nós sabemos que tem um significado próprio. Mas, trata-se de evidenciar a impossibilidade de se conceber no conceito de homem os indivíduos da raça negra assim como o europeu pode ser concebido, ou seja, partilhando entre outros do direito à virtude, à beleza e à verdade. Se, ao buscar expressar-se, o negro recusa a técnica como meio, é porque não é a eficácia sua finalidade: seu modo particular de agir, de

imbricar-se no mundo não pode ser técnico nem ter finalidade, no sentido europeu. Por exemplo, a língua e o pensamento ocidental são analíticos: “*o que aconteceria se o gênio negro fosse antes de tudo sintético?*” (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.103). Só assim se compreende a grande queixa que é este poema haitiano:

*Êste obsedante coração que não
expressa minha língua meus costumes,
e sobre o qual se cravam como arpão
sentimentos de empréstimos, costumes
d’Europa; quem a esta dor alcança,
este meu desespero sem igual
de domar com palavras só de França
Meu coração que veio do Senegal.*

Não é preciso que repitam ao negro a situação de oprimido reservada para ele dentro deste sistema. Por não poder considerar-se “estrangeiro” na língua em que pensa, basta analisar os seus pensamentos para defrontar-se com o desprezo que a humanidade-incolor lhe reserva. Conhece a suposta hierarquia branco-negro, pois desde a infância convive com hábitos de linguagem como: “*branco como a neve, para significar a inocência; a falar da negrura de um olhar, de uma alma, de um crime*” (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.106). Conhece todo o suposto mal que a ele tentam identificar por causa da sua cor, e como esta tentativa visa tocá-lo no âmago da sua humanidade. Bastaria então, que o negro se reivindicasse como homem, explicitando a sua subjetividade negra? Mas, “*os traços específicos de uma Sociedade correspondem exatamente às locuções intraduzíveis de sua linguagem*” (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.102). Neste sentido, ao falar de si, ou seja, da consciência de raça concentrada na “alma” negra, (entendendo por alma certa qualidade comum aos pensamentos e às condutas dos negros, aquilo que se usa chamar negritude), depara-se com o descompasso entre o que disse e o que desejaria ter dito. Em prosa, que é essencialmente referencial e denotativa, o negro não é capaz de expressar sua negritude; não é nesse modo de organização do vocabulário que irá criar a brecha negra na

linguagem ocidental. Por isso, deve lançar-se para além da prosa. Esbarra no sistema finito dessa linguagem que é prosa por essência e imediatamente percebe que não há uma harmonia pre-estabelecida regendo as relações entre o verbo e o Ser. Recusa a confiança cega na linguagem e técnica ocidentais, pois precisa dizer, mas ao falar sente-se traído e traidor. O negro não tem nessa linguagem, considerada como meio de expressão direta, a possibilidade de dizer o ato que é o seu "ser-no-mundo". É tal impossibilidade que gera o sentimento de malogro originário de toda a experiência poética, experiência pela qual o negro toma consciência de sua raça, visto que é em sua raça e por causa dela que é oprimido. Mas esta experiência poética, que é ao mesmo tempo conscientização, é um ato, enquanto determinação interior de existir no meio do mundo. E, embora essa relação com o mundo permaneça uma apropriação, ao contrário do tecnicismo europeu, tal apropriação não é técnica.

Cabe agora esclarecer porque considerei, assim como Sartre, a conscientização uma experiência poética, e porque tal experiência é uma determinação interior, não técnica, de existir no mundo. Neste ponto, pretendi uma aproximação entre este texto sartriano e a maneira que Merleau-Ponty entende a experiência perceptiva do corpo na Fenomenologia da Percepção. *"Merleau-Ponty afirmará que não é ao objeto científico, mas sim à obra de arte que a experiência perceptiva do corpo deve ser comparada. Assim como por ocasião da edificação de um quadro, em que o pintor deve fazer convergir tanto suas faculdades sensitivo-cognitivas, quanto a presença concreta da natureza selvagem; também na percepção cotidiana o corpo humano realiza uma experiência de imbricação entre ele próprio e as coisas que ele não é, imbricação essa que não segue a nenhuma lei interna de associação ou síntese, mas constrói para si a regra segundo a qual leis internas e natureza selvagem podem convergir enquanto percepção empírica"*(MÜLLER, M.J. A Dimensão Estética na 'Fenomenologia da Percepção). Como não é minha intenção adentrar pelos meandros da obra pontyana, limitei-me a apontar para a possível riqueza de seu parentesco com a concepção que Sartre faz da atitude poética. Com tal aproximação entre os dois filó-

sofos, pretendi apenas enfatizar o paradoxo de uma evidência corporal expressa num estilo e a ausência de conceito para entendê-la. Em situação de choque com a cultura ocidental, onde todos os objetos são tratados segundo sua eficácia, o negro não tem acesso à negritude de modo imediato, como seus ancestrais. Nas circunstâncias em que se encontra, só pode vivê-la em seu estado refletido; e para expressá-la, poetiza, porque a vive poeticamente. Pois optando por entender aquilo que é, ou seja, o seu modo de ser no mundo, desdobra-se, e entende-se como não mais coincidindo consigo mesmo. Ora, o fato de não coincidir consigo mesmo frente ao próprio entendimento surge como uma evidência existencial de natureza ontológica, mas enquanto tal ainda permanece num instante pré-predicativo. Diz Sartre, em uma bela analogia sobre a conscientização da negritude: *"a negritude toda presente e oculta o obseda, o roça, ele se roça em sua asa sedosa, ela palpita, toda distendida através dele, como sua profunda memória e sua exigência mais alta, como a infância de sua raça e o chamado da terra, como um formigamento dos instintos e indivisível simplicidade da natureza, como o puro ligado de seus antepassados e como a Moral que deveria unificar a sua vida truncada"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.101). Mas tão logo o negro tente entender essa experiência, tão logo ele *"se volva para encará-la de frente, ela se esvanece como fumaça"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.101). Portanto, essa evidência existencial coincide com a conscientização, não **entendida**, mas **experienciada** poeticamente pelo negro num instante pré-predicativo. Em outras palavras, o negro intui que o seu viver, todo presente e verdadeiro, não pode ser analisado por seu próprio entendimento, enquanto esta análise se faria numa língua na qual lhe faltam palavras. E esse descompasso vivido pelo negro o torna poeta, pois de certa forma experiencia e recupera o malogro originário de toda a experiência poética. Se o fato do negro viver a sua negritude sem poder entendê-la o torna poeta, cabe explicitar de forma analógica o seu modo de existir no mundo, a dinâmica da vida do poeta negro, que por não ser entendida, não pode ser analisada. Assim, recensear alguns dos temas dos poemas negros é tomá-los, num exame objetivo, como *"um feixe de testemunhas"* (Sartre, J-P. Orfeu Negro. p.114). Essa to-

mada de consciência da simplicidade original da existência, faz-se por dois caminhos que, embora distintos, são convergentes. Tais vias de acesso, que Sartre nomeou objetiva e subjetiva, correspondem ao momento do negro descobrir-se e, ao mesmo tempo, tornar-se aquilo que é, ou seja, homem em sua negritude.

Uma vez que os poemas tratam ora da negritude objetiva, ora da negritude subjetiva e às vezes de ambas conjuntamente, cabe fazer uma distinção entre ambas. O que está sendo tratado aqui como negritude objetiva é a sua expressão *"através dos costumes, das artes, dos cantos e das danças das populações africanas"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.108) no exato momento em que, magicamente, dão a oportunidade ao poeta de encantar-se, *"de modo que ao termo da encantação surja, magnificamente evocada, a negritude"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.109). Já a negritude subjetiva, tal como por exemplo surge explícita nos poemas de Césaire, seria um retorno para dentro de si, só que de "costas". É a imagem desta negritude que Sartre compara à missão de Orfeu. Diz ele: *"posto que esta Eurídice se dissipará como fumaça se o Orfeu negro se volver para ela, descerá a estrada real de sua alma com o dorso virado para o fundo da gruta, descerá abaixo das palavras e das significações - "para pensar em ti, depus todas as palavras no montepio" - abaixo das condutas quotidianas e do plano da repetição, abaixo mesmo dos primeiros recifes da revolta, com as costas voltadas, os olhos fechados, para tocar enfim com os pés nus a água negra dos sonhos e do desejo e deixar se afogar em seu bojo"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.109).

Tal como o método de construção surrealista, esses poemas se empenham na destruição da cultura ocidental ao mergulharem *"na crosta superficial da realidade, do senso comum, da razão raciocinante para tocar o fundo d'alma e despertar as potências inmemoriais do desejo"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.110). Esse desejo que se manifesta no curto-circuito lingüístico - onde o poeta, não uniu calmamente dois contrários, mas entesou-os como um sexo - traz à luz *"as aspirações revolucionárias dos negros"* (SARTRE, J-P. Orfeu Negro p.111). Estas se caracterizam por serem, ao mesmo tempo recusa e

amor a tudo; por negarem radicalmente as leis naturais atirando-se ao milagre; por serem, por fim, certa forma concreta e determinada de humanidade, ou seja a negritude. Assim não há uma descrição ou designação da negritude, mas há uma composição, uma criação sob os nossos olhos, que daqui em diante podera ser observada, aprendida. Esse expulsar da alma negra para fora de si, expressão da negritude subjetiva, coincide neste momento com a interiorização da cultura negra, expressão da negritude objetiva, constituído assim como uma via de mão dupla.

As belas palavras de Senghor, ao apontarem ligeiramente para o "Graal negro", dizem: *"o que constitui a negritude de um poema, é menos o tema do que o estilo, o calor emocional que dá vida as palavras, que transmuta a palavra em verbo"* (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.114) A negritude surge, então, como "certa atitude afetiva com respeito ao mundo" (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.114) , pois, se como afirmei, o poeta negro rejeita uma relação tecnicista com o mundo, poemas como este de Césaire mostram que ele tem outra relação com respeito ao mundo. Ao dizer:

*Minha negritude não é uma pedra, surdez que é lançada
contra o clamor do dia,
Minha negritude não é uma catarata de água morta sobre
o olho morto da terra
minha negritude não é nem torre nem catedral
ela mergulha na carne rubra da terra
ela mergulha na ardente carne do céu
ela fura o opaco desânimo com sua precisa paciência.*

pinta a negritude como o ato de existir no meio do mundo que, em certo sentido, ainda é uma relação de apropriação, porém não técnica. Não se trata de um possuir para transformar, mas estaria mais próximo de uma compreensão pelos sentimentos do universo circundante. Neste sentido, o poeta negro, que recusou-se "*homo-faber*", imbrica-se na natureza tendo-a como viva. Não quero dizer que nesta relação o poeta negro seja passivo, mas poderíamos dizer que é paciente e essa sua

paciência aparece como *"imitação ativa da passividade, pois a ação do negro é antes de tudo sobre si (...) Trata-se na verdade de uma captação do mundo, mas mágica, pelo silêncio e pelo repouso"* (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.115). Em outras palavras, um conquistar a natureza conquistando-se. Como neste poema:

*Eles entregam-se, rendidos, à essência de cada coisa
ignorantes das superfícies mas rendidos ao movimento de
cada coisa
indiferentes se perdem, mas jogando o jogo do mundo
verdadeiramente os primogênitos do mundo
porosos a todos os ventos do mundo...
carne da carne do mundo palpitante do próprio movimento do mundo*

Poder-se ia até dizer que a negritude é uma compreensão por simpatia, mas tal pretensão desconsidera o amor extremamente erótico a todas as formas de vida presente nos ritos, nas danças e nos poemas. Numa alegórica interpretação social, Sartre diz que *"o negro é antes de tudo camponês; a técnica agrícola é precisa paciência; confia na vida; espera. Cada átomo de silêncio é a possibilidade de um fruto maduro, cada instante traz cem vezes mais o que o cultivador deu (...) sua existência é a grande paciência vegetal; seu labor é a repetição de ano em ano do coito sagrado. Criador, é nutrido porque cria. Lavar, plantar, comer, é fazer amor com a natureza"* (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.116). Mas, é preciso, novamente, muito cuidado com essa alegoria. A relação homem-natureza que os poemas apresentam, impressiona não só por desconhecer o criacionismo ocidental onde *"Júpiter ordena o caos e lhe prescreve leis; o Deus cristão concebe o mundo pelo entendimento e o realiza pela vontade"* (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.118), mas por ter a criação como um contínuo e eterno parto, como um ser que sai do nada. E nesse ser, o negro imbrica-se, não para transformá-lo tecnicamente, mas sim para criar-se unido a ele segundo seu próprio estilo, ora agindo sobre ele, ora agindo sobre si mesmo. Se quisermos fazer alguma analogia dentro deste tema poético onde se fundem e se confundem homens, animais, vegetais e minerais, a negritude seria em sua profundidade uma androginia, pois é *"o sentimento dinâmico de um falo que se ergue e outro mais surdo,*

mais paciente, mais feminino, de ser uma planta que cresce"
(SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.118).

Mas ainda assim, a negritude não se esgota neste tema poético. Mesmo que esses poemas possam ser chamados de anti-cristãos, não se pode negar que é uma paixão que os transpassa. Vê-se claramente em poemas como esse que diz:

*Aqueles que não inventaram a pólvora nem a bússola...
conhecem em seus menores recônditos o pais do sofrimento...*

"O negro consciente de si representa-se a seus próprios olhos como o homem que assumiu toda a dor humana e sofre por todos (...) se quisesse sistematizar, dir-se-ia que o negro, enquanto simpatia sexual pela vida, se funde com a natureza inteira e que, enquanto paixão de dor revoltada, se reivindica como homem" (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.120). Vive então, dor e paixão numa paciência vegetal. Sentindo toda a dor nos músculos de seu corpo, afoga-a em seu agir criador que é poesia, amor e dança. Mas o negro só consegue poetizar porque intuindo, sua condição humana e histórica, descobre a falta inexplicável da cultura ocidental e *"vive o fato absurdo do sofrimento em sua pureza, em sua injustiça e na sua gratuidade"* (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.123). Esse sofrimento, ao ser vivido expõe a sua negatividade, a sua própria reserva de sofrimento, ele se abre, numa revolta, para a liberdade.

Mas, poder-se-ia objetar ao negro que esse movimento em direção à afirmação de sua subjetividade passa forçosamente por uma inversão de papéis, pela objetificação do branco: não passaria de um racismo às avessas.

E aqui, assim como em Sartre, de novo a negritude pode ser resgatada. Porque esse poeta negro, que nesse momento histórico é também comunista, *"não aspira de modo algum a dominar o mundo: quer a abolição dos privilégios étnicos, venham de onde vierem; afirma sua solidariedade com os oprimidos de todas as cores. De pronto, a noção subjetiva, existencial, ética de negritude passa, como diz Hegel, àquela - objetiva, positiva, exata - de proleta-*

riado" (SARTRE, J-P. Orfeu negro. p.118). Trata-se pois, se pudéssemos definir, de um racismo anti-racista. Generoso, sem dúvida. Bem de acordo com aquilo que, diz Sartre, ao fim e ao cabo, melhor define a negritude: uma renúncia a si próprio no momento em que se encontra, e cujo nome afinal é amor.

Mas talvez datado. Porque afinal, lê-se hoje em dia este ensaio caminhando sobre os escombros do pórtico à sombra do qual ele foi escrito, e onde se lia : "*Proletariado de todo mundo , uni-vos*"! A não ser que se recupere essa renúncia final do negro à negritude para um segundo sentido de anti-racismo: aquele fundado na poesia negra, na condição de homem, e que, ao solapar na linguagem ocidental, o conceito de humanidade-incolor, acaba por criar um novo sentido para a palavra homem, do qual homens de todas as raças que vivem poeticamente podem doravante compartilhar.

*Uma vez, perguntei ao negro Pastinha,
o que era a Negritude.
E ele, mestre velho respeitado,
ficou um tempo calado
revirando a sua alma.
Depois respondeu com calma
em forma de ladainha.*

*A Negritude é um jogo,
é um brinquedo.
É se respeitar o medo,
é dosar bem a coragem.
É uma luta,
é manha de mandingueiro,
é o vento no veleiro,
um lamento na senzala.
É um berimbau bem tocado,
um corpo arrepiado,
o sorriso de um menininho
A Negritude é o vôo de um passarinho,
o bote da cobra coral!*

*Sentir na boca todo gosto do perigo,
sorrir para o inimigo e apertar a sua mão!*

*A Negritude é o grito de Zumbi
ecoando no quilombo.
É se levantar de um tombo
antes de chegar ao chão
É o ódio,
é a esperança que nasce.
um tapa explodiu na face
e foi arder no coração.*

*Enfim, é aceitar o desafio
com vontade de lutar.
A negritude é um barco pequenino
solto nas ondas do mar!
é um peixe é um peixinho
solto nas ondas do mar **

(Ladainha de capoeira de angola, por mim adaptada)*

BIBLIOGRAFIA

* Sartre, Jean-Paul.

Reflexões sobre o racismo. 1 Reflexões sobre a questão judaica. 2 Orfeu Negro. Trad: Guinsburg J. Difusão Européia do livro. 4ª edição São Paulo. 1965.

* Müller, Marcos José.

A dimensão Estética na Fenomenologia da percepção.
Conferência apresentada na Semana de Filosofia da
Universidade Federal de Santa Catarina em 1995.

* Verbo, Enciclopédia Luso - Brasileira de Cultura.